

SP, RJ, MG, PR e SC:
R\$ 1,25
Demais Estados: ver
tabela na página A4

O ESTADO DE S. PAULO

RUY MESQUITA
Diretor-responsável

EDIÇÃO FINAL

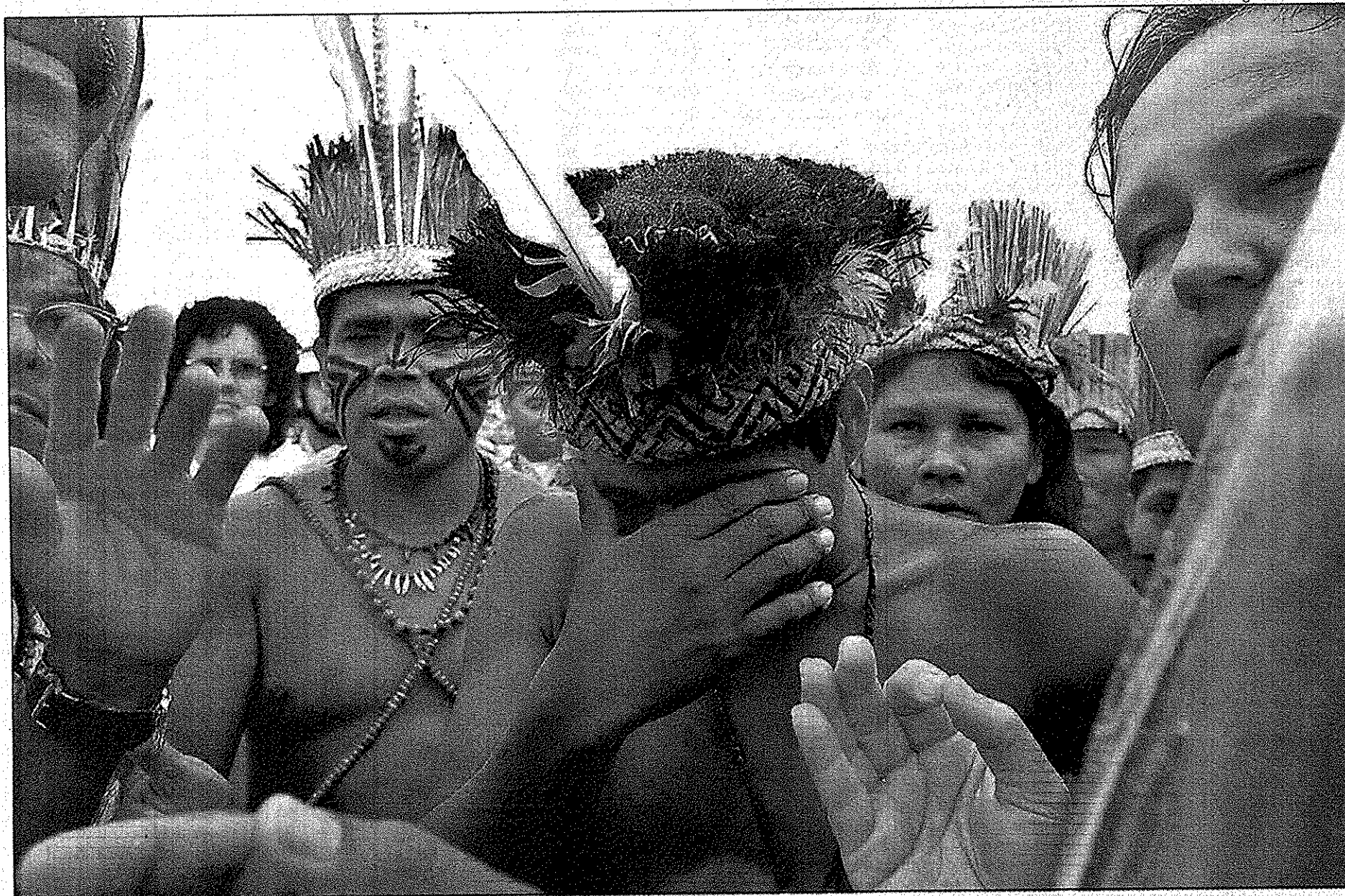
Julio Mesquita (1891-1927) Julio de Mesquita Filho (1927-1969)

ANO 121 QUINTA-FEIRA Nº 38.908
SÃO PAULO, 27 DE ABRIL DE 2000

Francisco Mesquita (1927-1969) Julio de Mesquita Neto (1969-1996)

Contas públicas têm superávit de R\$ 4 bilhões

Agliberto Lima/AE



*Resultado de março, o
melhor nos últimos
12 meses, reflete
o controle de despesas*

O governo federal manteve a mão firme sobre os gastos e colheu, em março, um surpreendente superávit primário de R\$ 4,090 bilhões, o melhor resultado dos últimos 12 meses. Não se incluem na conta os gastos com os juros da dívida pública. O resultado do Tesouro Nacional, Banco Central e Previdência Social no primeiro trimestre ficou positivo em R\$ 8,999 bilhões. Além da sazonalidade do mês, um depósito judicial feito por uma empresa cujo nome não foi divulgado elevou as receitas de março. O desempenho é ainda mais relevante porque diminuíram as receitas extraordinárias: de R\$ 8,322 bilhões, no primeiro trimestre de 1999, para R\$ 2,385 bilhões, agora. Os números, melhores que o esperado, reforçam as perspectivas de cumprimento das metas acertadas com o FMI para o semestre, de superávit primário de R\$ 16 bilhões. Pág. B1

■ A incerteza resultante da instabilidade nas bolsas internacionais fez o governo adiar a venda de títulos prefixados de dois anos. Pág. B3

Protesto – Um índio chora na missa em Cabralia, antes de um representante dos pataxós denunciar “500 anos de sofrimentos e massacres” Pág. A14

Cardeal enfatiza papel positivo da Igreja no País

Agilberto Lima/AE

Na missa, enviado do papa ouviu, minutos antes, discurso de índio com ponto de vista oposto

ROLDÃO ARRUDA
Enviado especial

SANTA CRUZ CABRÁLIA - Os 500 anos de civilização cristã no Brasil foram lembrados ontem com uma celebração eucarística, na Praia de Coroa Vermelha, em Cabralia, local da primeira missa, em 26 de abril de 1500. Sob chuva intermitente e ventos, a cerimônia reuniu cerca de 20 mil pessoas, segundo cálculo do coronel Wellington Müller, que comandava o policiamento na área. Foi um número bem abaixo do previsto pelos organizadores, que variava de 50 mil a 100 mil fiéis.

A missa foi celebrada pelo enviado especial do papa, cardeal Angelo Sodano, secretário de Estado da Santa Sé, e concelebrada por quase 300 bispos, entre os quais vários convidados do exterior. Um dos mais conhecidos era d. Ximenes Belo, do Timor Leste, ganhador do Prêmio Nobel da Paz em 1996. Na primeira parte da cerimônia, o presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), d. Jayme Chemello, pediu perdão aos índios, "cujos direitos nem sempre foram respeitados", e aos "irmãos e irmãs negros, por não termos sempre respeitado sua dignidade".

O pedido estava previsto havia quase um ano. O inespera-

do foi o tom da homilia do cardeal Sodano, logo a seguir. Sem desautorizar o pedido de perdão, Sodano enfatizou sobretudo o papel positivo da Igreja na formação do País. Os brasileiros devem o que são à contribuição dos cristãos, segundo o cardeal. Ele disse: "Quem mais ajudou a civilizar as populações indígenas que o trabalho missionário? Quem melhor amalgamou as populações, dispersas em pequenos núcleos da costa e do interior, que o vigário e o cura? Quem mais fez pela instrução do povo que a Igreja? Quem mais envidou esforços na moralização da família, na paz e concórdia dos cidadãos?"

**ESTA TERRA
PERTENCE A
NÓS, DIZ
PATAXÓ**

Índio - Minutos antes, o cardeal ouviu um jovem pataxó apresentar, de costas para ele, um ponto de vista diferente.

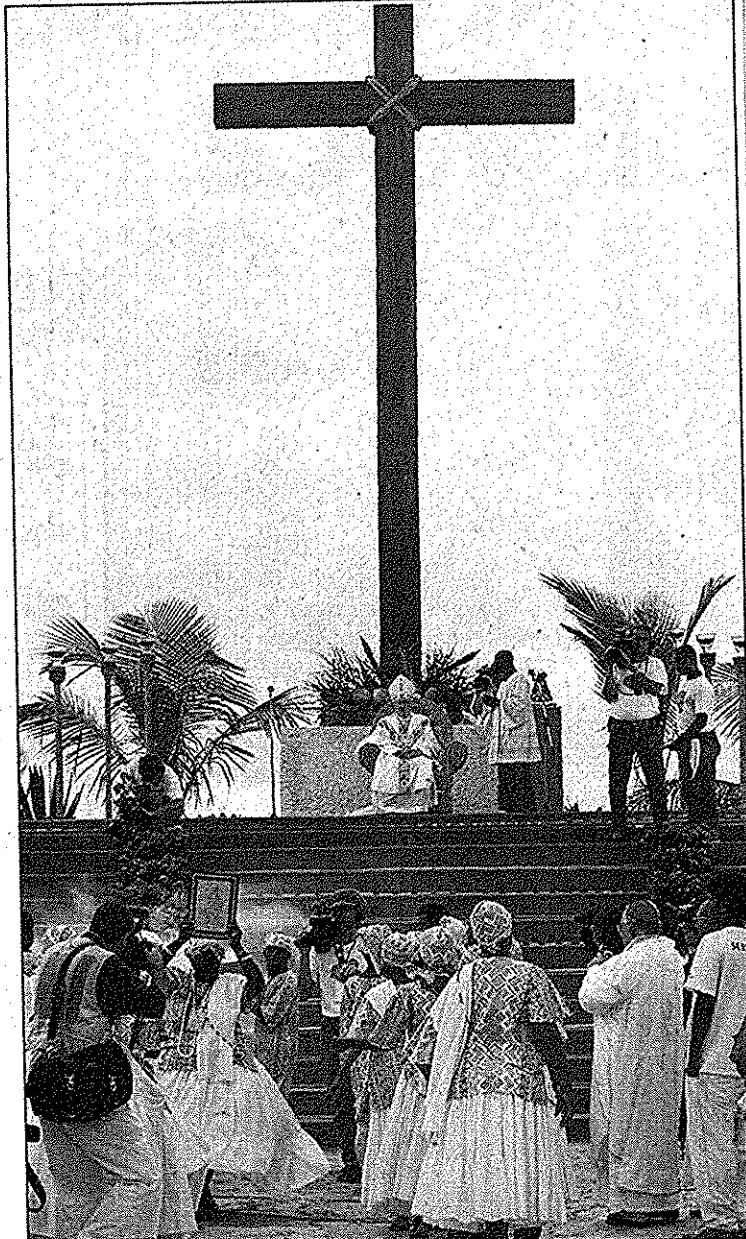
Na apresentação não programada, o índio referiu-se aos 500 anos de civilização: "São 500 anos de sofrimentos, massacres, exclusão, preconceito, de exploração, de extermínio de nossos parentes, acultramento, estupro de nossas mulheres, devastação de nossas terras."

O índio usou um tom agressivo, ao dirigir-se à audiência: "Onde vocês estão pisando, essa terra pertence a nós." Seu discurso foi o principal eco, na missa, da repressão registrada no mesmo local, no dia 22. Até então, es-

tava previsto que negros e índios teriam participação simbólica na missa, em rituais como o ofertório e a apresentação do *Evangelho*. Mas, após a violência policial, os pataxós disseram que não iriam. Inconformada, a CNBB enviou emissários para negociar e, às vésperas, aceitou a imposição dos índios: só iriam se pudessem manifestar-se livremente. Fizeram isso: abriram uma faixa de pano preto, em toda a extensão do altar, em sinal de luto, enquanto era lido o discurso de protesto, preparado por várias pessoas. O escolhido para ler o texto foi Matalauê, de 24 anos. A noite, porém, Matalauê participou de uma dança em homenagem ao enviado do papa.

O governo foi representado pelo vice-presidente Marco Maciel. Também estava o ministro do Esporte e Turismo, Rafael Greca. A chuva prejudicou a apresentação de Daniela Mercury. Ela cantou *Ave Maria do Morro*, acompanhada por um coral.

Pataxós - Os pataxós, que hoje vivem na região histórica do Descobrimento e se apresentam como herdeiros culturais dos índios com os quais Cabral se encontrou, não estavam aqui em 1500. De acordo com os historiadores, o litoral da Bahia era ocupado por tupis. Os pataxós viam nas matas do interior.



Mãe-de-santo faz oferenda ao cardeal Angelo Sodano, ontem

Agilberto Lima/AE

"É preciso obedecer ao maestro", diz enviado do papa sobre CNBB

PORTO SEGURO - A 38.ª assembleia-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil foi aberta ontem com a missa de celebração dos 500 anos de evangelização. Hoje pela manhã os bispos aprovarão a pauta do encontro, que termina no dia 3. Uma das tarefas mais polêmicas que terão pela frente será definir o texto de uma carta pastoral ou mensagem aos brasileiros, na qual falarão sobre o passado, o presente e o futuro da Igreja no País. O anteprojeto do texto, que está circulando entre os bispos, aborda vários temas políticos e econômicos, que deverão provocar polêmicas no episcopado. O mesmo ocorrerá na discussão sobre o incidente em Porto Seguro, no dia 22, quando a polícia reprimiu um ato de protesto do movimento Outros 500.

O bispo Franco Masserdotti, presidente do Conselho Indige-

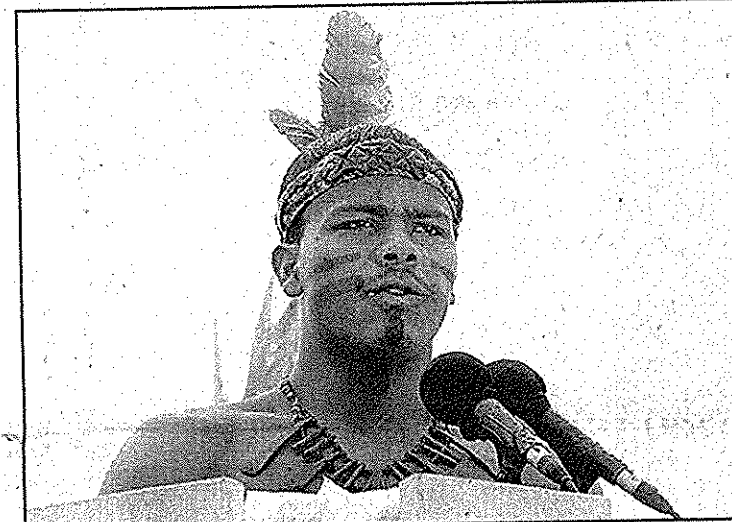
nista Missionário, preparou um relatório sobre o assunto e pretende apresentá-lo à assembleia, para que haja uma manifestação pública.

Ontem, durante entrevista coletiva em Porto Seguro, o secretário de Estado do Vaticano, cardeal Angelo Sodano, não fez referência direta à assembleia-geral. Mas deixou clara, em duas ocasiões, sua desaprovção às polêmicas. A primeira foi ao falar sobre as divergências de opinião no clero. O cardeal disse que elas existem desde o início da Igreja, quando os cristãos se dividiam entre as linhas de evangelização dos apóstolos Paulo e Pedro. Também comparou a instituição a uma sinfônica, com muitos instrumentos, muitas vozes. "Mas, como numa orquestra, é preciso obedecer ao maestro, que no caso da Igreja é o papa, o pastor universal." (R.A.)

FHC afirma que reivindicações são atendidas

ISABEL BRAGA

BRASÍLIA - O presidente Fernando Henrique Cardoso afirmou ontem, por intermédio de seu porta-voz, Georges Lamazière, que as reivindicações dos grupos indígenas estão sendo atendidas pelo governo. As declarações foram uma resposta às acusações do índio Matalauê na missa em Coroa Vermelha. Lamazière citou as obras de infraestrutura na Praia de Coroa Vermelha (Santa Cruz Cabralia-BA) e a reconstrução do monumento destruído pela polícia baiana no início do mês. "No caso de Coroa Vermelha, todo mundo sabe que foi feito um conjunto enorme de obras lá, de melhorias, inclusive o monumento que havia sido destruído está sendo reconstruído", disse.



Matalauê: "São 500 anos de sofrimento, massacres, exclusão"

Reprodução

Erros na construção de nau serão apurados

Réplica da embarcação de Cabral não conseguiu participar das comemorações

BIAGGIO TALENTO

SALVADOR - O procurador João Bosco Araújo Fontes Filho, do Ministério Público Federal na Bahia, abriu inquérito civil, ontem, para apurar de quem é a culpa pelos sucessivos erros cometidos na construção da réplica da nau capitânia de Pedro Álvares Cabral, que custou cerca de R\$ 3,85 milhões, dos quais pelo menos R\$ 2,5 milhões oriundos do governo.

No município baiano de Valença, o engenheiro naval inglês Ralph Nicholson que construiu uma réplica da caravela Niña, de Cristóvão Colombo, para as comemorações dos 500 anos do Descobrimento da América, disse, ontem, que foram cometidos erros elementares na capitânia.

A nau não ficou pronta a tempo para participar das comemorações dos 500 anos do Descobrimento e apresentou vários problemas quando a equipe do Clube Naval do Rio, que a construiu, tentou fazê-la navegar. Antontem, a embarcação ficou à deriva na terceira tentativa de chegar a Santa Cruz Cabralia e precisou ser rebocada para a Base Naval de Aratu, na Baía

de Todos os Santos. Agora o presidente do Clube Naval, almirante da reserva Domingos Castelo Branco, o responsável técnico pela obra, comandante Cláudio da Mata e representantes da Base Naval de Aratu, onde foi construída, devem explicar-se à Procuradoria, que tem prazo de 40 dias para concluir o inquérito.

Princípios - Nicholson disse que os construtores da capitânia desrespeitaram os princípios básicos da construção de réplicas. "Eles usaram fibra de vidro na estrutura do casco e acrescentaram vários equipamentos modernos, descaracterizando completamente um projeto desse tipo", disse, lembrando que o problema da falta de lastro é imperdoável, por ser previsível pela altura da embarcação. "Creio ser uma coisa super básica e fácil calcular o peso necessário do lastro numa embarcação", observou.

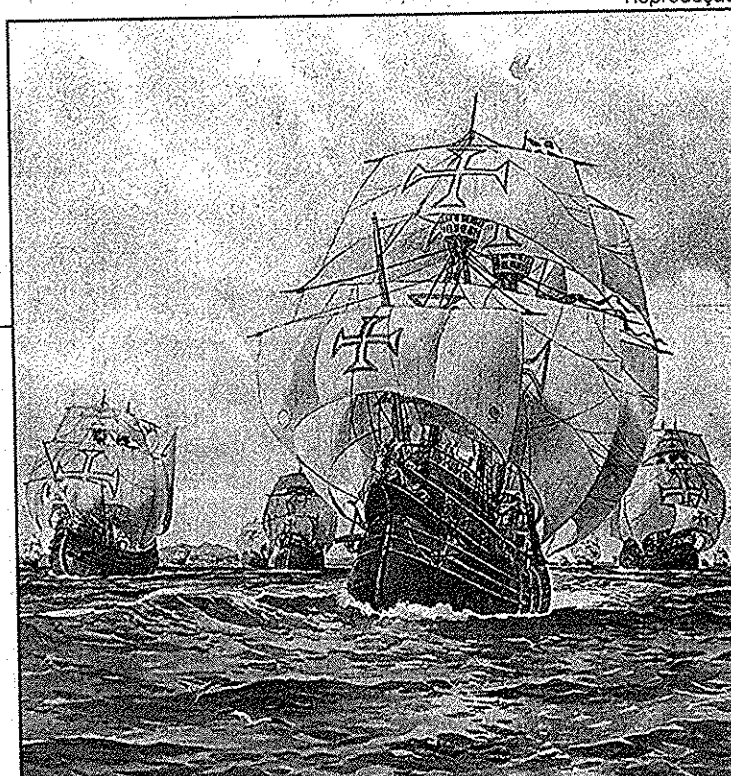
Nicholson também não acha plausível a justificativa de que os construtores da capitânia tiveram dificuldades pela falta de plantas das embarcações do século 16. Grande parte dessas informações foram perdidas por causa do terremoto que arrasou Lisboa no século 18. "Quando eu

construí a Niña também não tive acesso a plantas antigas, mas pesquisei muito para executar o projeto", disse.

A réplica da Niña foi encomendada por um inglês dono de uma estaleiro nas Ilhas Virgens. "Ele queria usá-las nas comemorações do Descobrimento da América, e também arrendá-la para a produção do filme 1492", contou Nicholson. A Niña é um barco menor que a capitânia. Tem 19 metros de comprimento por 6 de largura ante os 28 metros por 8 da réplica da nau de Cabral. Na época, início dos anos 90, a Niña custou US\$ 400 mil. "Mas esse valor já se pagou quatro vezes", diz o inglês. A caravela seguiu de Salvador para o Caribe usando seu sistema de velas que funcionou perfeitamente, sem necessidade da utilização do pequeno motor de emergência de 130 cavalos instalado na embarcação.

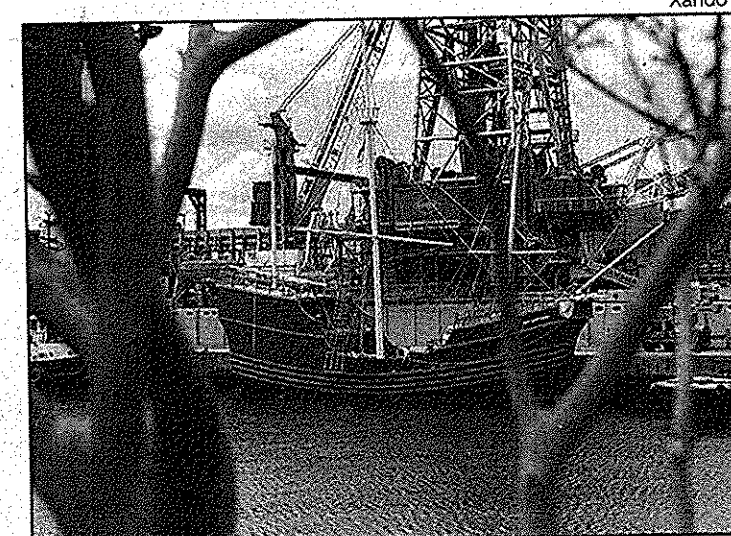
Nicholson chegou a ser procurado pelo Clube Naval do Rio para construir a capitânia, mas impôs que, pelo menos, o casco fosse executado no seu estaleiro em Valença. "Tenho profissionais experientes aqui que fariam o casco sem problemas, se eles tivessem que realizar o trabalho na Base Naval de Aratu, cobrariam bem mais caro",

**FORAM
COMETIDAS
FALHAS
BÁSICAS**



Português Roque Gameiro imaginou a nau para livro de história

Xando P.



Sem estrear, a capitânia precisou ser rebocada para Aratu

contou. Nicholson pediu US\$ 2 milhões (cerca de R\$ 3,58 milhões) para fazer a capitânia, mas o Clube Naval achou muito caro na época e preferiu dar o projeto para o francês Henri Schlomoff. No fim de tudo, a capitânia acabou custando até mais caro, quase R\$ 4 milhões. Nicholson disse que, se fosse contra-

tado para reparar a capitânia, faria algumas modificações para torná-la mais parecida com uma réplica. "Pelo menos ela seria utilizável", ironizou. Mas o almirante Castello Branco não parece disposto a chamá-lo, e disse que contrataria novamente o francês Schlomoff para a empreitada.

Embarcação principal pesava 120 toneladas

Apesar de não existirem documentos autênticos que permitam reconstruir integralmente as naus usadas na época do Descobrimento, alguns livros de história tentam mostrar aspectos gerais da frota de Cabral. O livro português *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, coordenado por Carlos Malheiro Dias e lançado em 1923, conta que os navios que chegaram ao Brasil não tinham mais as velas triangulares. Era usado um pano redondo e mais pesado, que não comprometia a estabilidade das naus e dava mais resistência contra os temporais.

A frota de Cabral era constituída por 13 naus, a principal delas chamava-se São Gabriel e pesava 120 toneladas. Nela, o mastro grande, que ficava praticamente no meio da nau, era o maior instrumento de força propulsora. Ainda segundo o livro, os navios eram construídos de pinho e de "liame de sobro", matéria-prima do arcabouço.

A popa era a parte que mais se destacava na embarcação e tinha dois pavimentos, onde ficavam o capitão-mor e os oficiais mais importantes. Como instrumentos de defesa e ataque, as naus de Cabral tinham as chamadas "bocas de fogo", canhões de ferro que projetavam uma bola de pedra nos inimigos. (Renata Cafardo, especial para o Estado)